

HEMANGIOSSARCOMA ESPLÊNICO EM UM CANINO – RELATO DE CASO

Itauana Prezotto¹; Henrique Panozzo²; Ana Carolina Lucca La Corte³; Giovani Jacob Kolling⁴; Marinês Bortoluzzi⁵

1 Acadêmica do curso de Medicina Veterinária. IMED. ituanaprezotto9@gmail.com

2 Acadêmico do curso de Medicina Veterinária. IMED. henriquepanozzo@gmail.com

3 Acadêmica do curso de medicina veterinária. IMED. analucca4@gmail.com

4 Orientador. Médico veterinário, doutor em produção animal. Docente do curso de Medicina veterinária. IMED. giovani.kolling@imed.edu.br

5 Médica veterinária especialista em anestesiologia. IMED. veterinariadobosque@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

As neoplasias esplênicas originam-se a partir de populações de células encontradas nos tecidos do baço e órgãos periféricos, que incluem linfócitos, macrófagos, células do estroma e endoteliais. A proliferação anormal de uma célula, causada por sua mutação, pode gerar duas formas de apresentação da doença, a forma benigna ou maligna (WERNER, 2010).

Segundo Santo (2007), o hemangioendotelioma foi descrito em humanos inicialmente em 1975, ao ser diagnosticado sua presença primária no tecido pulmonar, ao qual, na época, recebeu o nome de “tumor bronquioloalveolar intravascular”. Até meados de 1979, a origem vascular da neoplasia não havia sido reconhecida. Já em 1982, Weiss e Enzinger descreveram pela primeira vez o HSA Hepático, e a partir de então, estudos correlacionados passaram a ser desenvolvidos.

O hemangiossarcoma (HSA) também conhecido como hemangioendotelioma ou angiossarcoma é uma neoplasia de origem maligna provinda do endotélio vascular e linfático que pode acometer diversos órgãos regionais ou distantes. Este atinge principalmente animais da espécie canina, sendo pouco comum em felinos (CARVALHO, 2016).

O HSA é caracterizado por uma alta taxa de letalidade, desta forma representa até 7% de todos os tumores e 12% a 21% de todas as neoplasias mesenquimais. Em cães, é visto em animais idosos, com meia idade entre oito e treze anos, embora existam relatos com menos de três anos de idade. Há maior predisposição de casos em animais da raça Pastor Alemão, Golden Retriever, Labrador Retriever e Boxer (MARTINS et al., 2013).

Apesar da etiologia dessa patologia ser desconhecida, existe uma forte associação racial, o que sugere uma predisposição hereditária e familiar. Há evidências de que a desregulação das vias moleculares, responsáveis pelo controle da angiogênese, influenciam na patogênese do HSA levando à proliferação e sobrevivência desregulada. Relatos comprovaram que, em humanos, o aparecimento desse tumor está intimamente ligado a fatores como a exposição do dióxido de tório, arsênicos e radiação solar. Ele pode ser solitário, multifocal dentro de um órgão ou amplamente disseminado. Em animais com múltiplos tumores é difícil determinar qual o local do tumor primário. Normalmente em cães o HSA visceral é mais comum que o não visceral, diferentemente do que acontece em felinos (DALECK, NARD; RODASKI, 2008; MARTINS et al., 2013).

O hemangioendotelioma é tipificado por comportamento biológico muito agressivo, com metástases rápidas e disseminadas, além de conter capilares extremamente frágeis, os quais podem promover hemorragias e levar o animal ao óbito. Devido à sua alta capacidade metastática por conta de seu constituinte primário ser o endotélio vascular, 80% dos pacientes apresentam evidências de metástase no momento do exame inicial, principalmente em ossos, útero, adrenais, cérebro, cerebelo, medula óssea ou qualquer local do corpo com vasos sanguíneos (MOROZ; SCHWEIGERT, 2015).

De acordo com Bandinelli (2011), o baço é o local primário mais comum de desenvolvimento do HSA canino. O órgão está envolvido com funções linfáticas, imunes,

circulatórias e hematopoiéticas. Seu parênquima é constituído em duas principais partes: polpa vermelha, onde ocorre a remoção sanguínea dos eritrócitos, bactérias e complexos imunes; e polpa branca, a qual desempenha atividades primárias, como fagocitose de antígenos, promovendo o desenvolvimento dos linfócitos B e plasmócitos. Além disso, apresenta função hematopoiética durante a vida fetal canina, podendo reassumir este papel na vida adulta em casos de doença medular óssea.

Estudos realizados até o momento não identificaram agentes etiológicos envolvidos com o desenvolvimento do HSA esplênico em cães. A neoplasia não apresenta predisposição sexual constatada, porém, pesquisas apontam que cadelas castradas, em relação às intactas, possuem maiores chances de desenvolver o tumor. Quanto à metástase pulmonar, esta não ocorre com normalidade nos casos de comprometimento único do baço, entretanto, são comuns em cães com neoplasias em ambos lugares (DALECK; NARD; RODASKI, 2008; MARTINS et al., 2013).

O baço é acometido, tanto por doenças inflamatórias, circulatórias, bem como hematológicas e neoplásicas (BANDINELLI, 2011). O hemangioendotelioma esplênico canino pode ocorrer concomitante ao HSA cardíaco (átrio direito), representando tumores primários sincrônicos. Cerca de 25% dos cães que apresentam hemangiossarcoma de baço, possuem envolvimento no átrio direito, desta forma, nota-se o quão importante é a realização de exames de ultrassonografia para identificar se há persistência de massas no átrio direito antes do encaminhamento cirúrgico (DALECK; NARD; RODASKI, 2008; MARTINS et al., 2013).

Baseado em um estudo realizado por Bandinelli (2011), com 179 cães esplenectomizados por lesões no baço, cerca de 120 continham doenças neoplásicas. Destes, 92,5% possuíam origem maligna (65,8% eram HSA), enquanto 7,5% constituíam o grupo de neoplasmas benignos. Cerca de 89,9% (161/179) desenvolveram sinais clínicos, dentre os quais podemos destacar o emagrecimento, a anemia e a distensão abdominal por parte da expansão tumoral. Outros sinais diagnosticados no exame clínico incluem mucosas hipocoradas, fraqueza em virtude da anemia, resultante do acúmulo de sangue na região do tumor e hemoperitônismo (BANDINELLI, 2011).

No presente trabalho, objetivamos relar um caso de hemangiossarcoma esplênico maligno em um canino.

2 METODOLOGIA

Durante a participação do Projeto de extensão vivências profissionais e práticas do curso de medicina veterinária da IMED, acompanhado na Clínica Veterinária do Bosque, na cidade de Passo Fundo-RS, foi acompanhado o atendimento de um canino, macho, da raça Boxer, com sete anos de idade, pelagem de cor branca e com peso de 36,9 Kg. O paciente havia sido encaminhado até a clínica com suspeita de babesiose. Na anamnese, a proprietária relatou que o animal havia caído do sofá de casa e, logo após a queda, apresentou vômito, tremores, mucosa pálida, extremidades frias e fraqueza. Ainda, na história pregressa, o animal foi castrado, possuía histórico familiar de neoplasia hepática e passou por procedimento para a retirada de nódulos na região cervical. No exame clínico, apresentou frequência cardíaca de 124 batimentos por minuto (bpm), frequência respiratória em 40 movimentos por minuto e temperatura retal de 38,3°C. Demonstrava mucosa óculo palpebral regular, mucosa bucal hipocorada e abdômen distendido com algia no local.

Para a confirmação do diagnóstico de babesiose e avaliação da saúde geral do animal foi coletada uma amostra de sangue para realização de um hemograma. Em subsequência visto que, haviam casos de tumores no histórico familiar, indicou-se o exame ultrassonográfico do abdômen.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No hemograma, observou-se uma significativa queda no número de eritrócitos, hemoglobina e hematócrito do animal. O eritrócito encontrava-se em 3,42 (normal de 5,5-8,5), a hemoglobina em 8,1 (normal de 12-18) e o hematócrito em 23,7 (normal de 37-55), confirmando uma anemia. Além disso, o animal apresentava quadro de 28500 leucócitos (6000-17000), com neutrofilia de desvio à esquerda e linfopenia. Os exames bioquímicos, expressaram queda nos valores de albumina, em 15,8 (normal de 26-33), enquanto os demais, Alanina amino transferase (ALT), Fosfatase alcalina (FA) e creatinina, não apresentavam alterações.

Com base nos resultados encontrados no presente caso, pode-se corroborar com DIONÍSIO (2016), o qual afirma, que o diagnóstico pode ser revelado apenas por meio do hemograma, a fim de revelar a anemia, normalmente regenerativa, leucocitose, neutrofilia e eusinopenia, em alguns casos. A solicitação dos exames bioquímicos visa avaliar se os demais órgãos, como fígado e rins, não foram comprometidos.

No exame ultrassonográfico, constatou-se uma grande massa proveniente do baço ocupando parte da cavidade abdominal. A literatura afirma que, a ultrassonografia é uma técnica eficaz que visa avaliar a presença de esplenomegalia, identificar efusão peritoneal e detectar os locais de metástases abdominais (DIONÍSIO, 2016; MARTINS et al., 2013)

Devido à esplenomegalia encontrada, não foi possível observar os demais órgãos e possíveis metástases. Logo, sugeriu-se fazer uma laparotomia exploratória para observar a presença de possíveis metástases, seguido de uma esplenectomia, se em condições propícias à saúde e bem-estar animal.

Segundo estudos, alterações de baço, quanto ao tamanho e forma, são normalmente encontrados em cães, e para tal, a remoção cirúrgica do órgão é o método terapêutico usual, pois além de remover o tumor, alivia a distensão abdominal e evita hemorragias. O diagnóstico para a realização da esplenectomia pode ser dado através da palpação abdominal, seguida por exames de imagens, ou por meio de uma laparotomia exploratória, a qual busca identificar possíveis alterações anormais em órgãos da cavidade abdominal (DALECK; NARD; RODASKI, 2008; MARTINS et al., 2013). Após a esplenectomia, é de extrema importância o envio de diferentes regiões do órgão ao exame histopatológico para identificar a procedência tumoral (MOROZ; SCHWEIGERT, 2007).

A citologia destes derrames, raramente fornece um diagnóstico, porque apesar das células tumorais estarem provavelmente presentes, estão fortemente diluídas pela presença de sangue periférico abundante refletidas (DIONÍSIO, 2016). Indica-se também a realização de um eletrocardiograma na suspeita de arritmias ventriculares, já que estas são relativamente comuns em animais com neoplasias esplênicas (DALECK; NARD; RODASKI, 2008; MARTINS et al., 2013).

Durante a palpação das vísceras, na laparotomia exploratória, observou-se um pequeno nódulo em um dos lobos hepáticos. O cirurgião responsável optou somente pela retirada do baço, visto que o procedimento tem longa duração, pondo em risco a vida do animal, além disso, o nódulo encontrava-se em difícil posição de acesso. De acordo com MORROZ, et al (2007), local primário mais comuns da neoplasia em cães é o baço no entanto, pode ser encontrado também na pele, átrio direito, aorta, pericárdio, fígado, pulmões, rins, cavidade oral, cabeça e peritônio, ossos, bexiga, intestinos, língua, próstata e vagina e vulva.

A quimioterapia pode ser utilizada como tratamento paliativo em animais que não há a possibilidade de esplenectomia ou, neste caso, como tratamento adjuvante após a cirurgia, conforme cita Dionísio (2016). No caso tratado, indicou-se a quimioterapia com um médico veterinário especialista, a fim de retardar o crescimento do nódulo encontrado durante o procedimento.

Os fragmentos da víscera foram enviados ao exame histopatológico, pois, é de extrema importância o envio de diferentes regiões do órgão para a identificação da procedência tumoral

de acordo com Moroz e Schweigert (2007). Com base nos exames e resultados pode-se confirmar o diagnóstico de hemangiossarcoma esplênico.

4 CONCLUSÕES

Com base em todo o histórico do animal, avaliação clínica, em que o mesmo apresentou distensão e algia abdominal, e de acordo com os exames realizados, como hemograma, bioquímicos e ultrassonografia, comprovou-se uma desregulação da homeostasia corporal, e o crescimento de uma massa anormal na região abdominal. Sendo assim, pela dificuldade em visualizar os demais órgãos, visto que, nos casos de HSA, a presença de metástase nas demais vísceras é comum, pois, a literatura cita que o tumor tem origem no endotelial vascular, uma camada de células finas que reveste a superfície luminal dos vasos, indicou-se a realização da laparotomia exploratória, seguida por uma esplenectomia, se em condições adequadas.

Visto que, o animal em questão, possuía idade avançada e que, a esplenectomia é um caso extremamente invasivo, que pode vir a prejudicar a qualidade de vida do canino, é indispensável o monitoramento periódico, com a realização de exames para averiguar e descartar suspeitas. Contudo, pode-se observar que a cirurgia/esplenectomia é o melhor método utilizado para a remoção do tumor, nos casos de reduzida metastização, visto que, ela objetiva impedir a proliferação da neoplasia para os demais órgãos e proporcionar bem-estar ao mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDINELLI, M. et al. **Estudo Retrospectivo de lesões em baços de cães esplenectomizados**: 179 casos. Pesquisa Veterinária Brasileira. Ed. 31, v. 8, p. 697-701. Setor de Patologia Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS., agosto de 2011.

CARVALHO, A. et al. **Hemangiossarcoma ocular em equino: relato de caso**. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia. Faculdade de Medicina Veterinária, - Universidade de Cuiabá, Mato Grosso. v. 6, n. 1, p. 5, 2015.

DALECK, C.; DE NARDI, A.; RODASKI, S. **Oncologia em cães e gatos**. Ed. 1. Editora ROCA Ltda., São Paulo – SP. p. 612, 2008.

DIONÍSIO, M. **Prevalência de doença esplênica em cães e sobrevivência após esplenectomia – estudo retrospectivo**. Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina Veterinária, Lisboa, 2016.

MARTINS, B. et al. **Aspectos Clínicos e Patológicos do Hemangiossarcoma multicêntrico em um cão Pinscher**. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia. Escola de Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. v. 65, n. 2, 2013.

MORROZ, L.; SCHWEIGERT, A. **Hemangiossarcoma em cães – Relato de caso**. ResearchGate. Universidade Federal da Bahia, Faculdade Integrada de Campus Mourão. p. 9, Bahia, 2015.

SANTOS, C. et al. **Hemangioendelioma Epitelióide hepático: relato de caso com tratamento multimodal**. ResearchGate. Internato de Medicina da Universidade de Grande Rio – UNIGRANRIO, Rio de Janeiro, 2007.

SOARES, N. et al. **Hemangioma e Hemangiossarcoma em cães: estudo retrospectivo de 192 casos (2002-2014)**. Ciências Animais Brasileiras. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG. v. 18, p. 1-10, 2017.

WERNER, P. **Patologia Geral Veterinária Aplicada**. Ed. 1. Editora ROCA Ltda., São Paulo -SP. p. 371, 2010.